

PALESTRA E ARTIGO

Maquiavel e a busca da verdade efetiva das coisas

Flavia Luiza Bruno Costa de Carvalho





Maquiavel e a busca da verdade efetiva das coisas

Machiavelli and the Search for the Effective Truth of Things

FLAVIA BRUNO*

Resumo: Maquiavel é o pensador que se debruça sobre o estado real e seu ponto de partida é a realidade concreta, enfatizando a *verità effettuale*, isto é, a verdade efetiva das coisas, a realidade tal como se apresenta, para além de toda idealidade ou fantasia. O autor trata dos desejos e das paixões próprias ao homem, bem como da vontade de poder vigente na atividade política, considerando a dura face da natureza humana.

Palavras-chave: Maquiavel. Verdade efetiva das coisas. Poder. Liberdade.

Abstract: Machiavelli is the thinker who focuses on the real state, and his starting point is concrete reality, emphasizing the *verità effettuale*, that is, the effective truth of things, reality as it presents itself, beyond all ideality or fantasy. The author deals with the desires and passions inherent to man, as well as the will to power prevailing in political activity, considering the harsh aspect of human nature.

Keywords: Machiavelli. Effective truth of things. Power. Freedom.

A chegada do renascimento traz, em muitos aspectos, a demolição das ideias precedentes que sustentaram a civilização ocidental. Do ponto de vista político, a defesa das monarquias nacionais está assentada na ideia de que para que o homem possa desenvolver suas aptidões intelectuais ele tem necessidade

* Flavia Luiza Bruno Costa de Carvalho é Doutora em Filosofia e professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Contato: profabruno@gmail.com

de paz e para isso é preciso que um só governe o mundo – um único soberano ao qual todos devem obediência. Maquiavel pretendeu oferecer as ferramentas para a consolidação do Estado italiano, dando a receita técnica para o exercício político do poder estável e eficaz. O Estado, pensado pelo pensador florentino, deve se constituir como um poder central soberano, legiferante, absoluto, com um fim em si mesmo e capaz de decidir, sem compartilhar esse poder com ninguém, sobre as questões internas e externas de uma coletividade. Em outras palavras, um poder que se afirma como potência e autonomia.

Mas, diferentemente da tradição grega em que se pensava o melhor estado, o estado ideal, Maquiavel se debruçará sobre o estado real, capaz de impor a ordem. Seu ponto de partida é a realidade concreta, daí sua ênfase na veritá effettuale, isto é, na verdade efetiva das coisas e para tal se propõe a ver e examinar a realidade tal como ela é e não como gostaria que fosse, o que faz com que toda idealidade de inspiração platônica esteja aqui ausente. Se toda a tradição das obras políticas tratou a política não como ela é, não como os homens são, mas como deveriam ser, vide a República de Platão, a verdade política de Maquiavel se apresentará sem esses ideais.

Em sua obra *O príncipe*, Maquiavel tem a coragem de descrever as misérias e os engodos da alma humana, de evidenciar sem hesitação e sem meias medidas as faltas e os defeitos, tanto dos grandes quanto dos humildes, tanto do povo quanto dos que participam mais diretamente da vida política. Os homens são ávidos, interesseiros, invejosos, ciumentos, insaciáveis nos seus desejos, eternos descontentes que só aspiram o que não possuem; ingratos, inconstantes, dissimulados, mentirosos, velhacos: basta um pretexto para faltar com a palavra empenhada; medrosos, covardes. Só uma coisa lhes cala fundo: o medo do castigo. Além disso, são crédulos, desprovidos de juízos. Incapazes de descer ao âmago das coisas, deixam-se seduzir pelas aparências; são maus, de uma maldade que não é vencida pelo tempo nem amenizada por nenhum benefício. Acima de tudo são medíocres, tanto no bem quanto no mal, raramente vão até o fim. Não que os homens não sejam capazes de belas e desinteressadas ações, mas em política não é possível basear-se em casos particulares e excepcionais. Deve-se considerar o comportamento médio e normal da massa dos homens.

Em política reinam a violência, a astúcia, a vontade de poder. E se as coisas são assim, é melhor colocar essas forças a serviço do bem público. Deve-se conhecê-las e usá-las eficazmente como meio desse fim legítimo. Ser bom, generoso, clemente, sincero seria para um príncipe bem agradável, mas sendo

a condição humana o que é, não se pode ter tais qualidades. Assim, o príncipe deve parecer tê-las, sendo tal coisa uma necessidade para a sua imagem pública. Daí que preferencialmente, o príncipe deve ser amado e temido ao mesmo tempo. Se não for possível, que seja temido. Dada a perversidade humana, o reconhecimento é sempre um liame difícil, mas o receio do castigo é sempre eficaz. Por outro lado, deverá evitar ser odiado, o que o faz se abstendo das mulheres e das propriedades dos seus súditos.

Trata-se de uma concepção realista: aquele que exerce o poder não encontra o bem inscrito em nenhuma parte, nem na natureza, nem na sociedade. Ele tem diante de si uma realidade envolvida pelo conflito e pela desordem de interesses. Quem promulga as leis de um estado deve partir do princípio de que os homens estão dispostos a agir com perversidade sempre que haja ocasião. Os homens só fazem o bem quando é necessário. Quando cada um tem a liberdade de agir com abandono e licença, a confusão e a desordem não tardam a se manifestar.

O príncipe explicitamente repudia a moral aceita e diz que um governante se for sempre bom, perecerá. Este deve particularmente permanecer atento às intenções dos seus vizinhos: deve ser tão astuto como uma raposa e tão feroz como um leão. Sendo apenas leão, não veria as armadilhas de que a selva internacional está cheia; sendo apenas raposa, seria impotente contra os lobos. Assim, precisa ser raposa para conhecer as armadilhas e leão para aterrorizar os lobos.

Em resumo, Maquiavel quer mostrar que o poder político requer a onipotência e que, para a legitimação desse poder absoluto não se pode admitir nem fraquezas, nem confiar em uma pretensa natureza humana ideal. Os atributos negativos que compõem a natureza humana mostram que o conflito surge como desdobramento necessário dessas paixões, não sendo possível extinguir as paixões e, conseqüentemente, domesticar por completo a natureza humana, havendo assim sempre um ciclo de ordens e desordens.

Como citar:

CARVALHO, Flavia Luiza Bruno Costa de. Maquiavel e a busca da verdade efetiva das coisas. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 24, Anais da I Jornada de Filosofia e Teologia da FSB RJ – Cultura Italiana, p. 43-47, jul./dez. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v24-anais.fsbj-2025-3>